

ALEXANDRE
AZEVEDO

ROSA
MARIA
EGIPCÍACA

A ama de leite
do Menino Jesus

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2024

Capítulo I

Que o Menino Jesus mamava no peito da preta Rosa Maria, isso eu posso dizer que é verdade, além de muitas outras coisas. Mas também muitas outras coisas atribuídas a ela não são verdadeiras. O povo inventa. E o que inventa se espalha rapidamente como rastilho de pólvora. Não há quem segure. Tem muita gente maledicente nesse mundo. A maledicência é um mal que precisa ser sempre combatido. E os mexericos passavam de boca em boca, invejando a santidade da minha protegida. Eu dizia que Rosa Maria foi ama de leite de Nosso Senhor Jesus Cristo, isso quando Ele era ainda uma criança, claro. Quando ainda era um Menino. Toda vez que isso acontecia, Rosa Maria aparecia de cabelo penteado, o cabelo lisinho que só. Nem parecia que era ela. Mas era ela. Quanto a isso, não se tem dúvidas. Ninguém, que não fosse o Menino Jesus, conseguia penteá-lo daquela maneira. Na carapinha dura dela só o Menino Jesus é que punha as mãos. As mãozinhas ainda de Menino. Rosa Maria não deixava mais ninguém, mesmo porque ninguém conseguia alisar a sua carapinha daquele jeito. A primeira vez que o Menino Jesus apareceu, Rosa Maria logo o reconheceu. Todo mundo sabe como é a feição Dele quando era pequeno. Por isso, Ele nem

precisou dizer o nome e nem por que viera. A preta entendeu de imediato. Tirou um dos peitos para fora e deu de mamar para Ele. O leite, que ela nem sabia que tinha, jorrou como se tivesse acabado de parir uma criança. E ficou mamando até não querer mais. Satisfeito, Ele só olhou para a carapinha dela e perguntou se queria que Ele a penteasse. Ela fez que sim, claro. Não ia negar um pedido do Menino Santo, mas duvidou que Ele conseguisse, ainda mais sendo menino pequeno, criança de peito ainda. Rosa Maria nada falou, só esperou que o Menino Jesus começasse a difícil tarefa de penteá-la. Na verdade, difícil para os outros, não para Ele, que penteou os cabelos da preta Rosa Maria como se estivesse penteando o mais liso de todos os cabelos. Da primeira vez que ela saiu de seu quarto com a carapinha alisada, ninguém pôde acreditar que aquilo fosse possível. Primeiro ela contou para mim, que era o seu confessor. Eu fui o primeiro a ficar sabendo que o Menino Jesus a tinha como sua ama de leite. E era Ele quem a penteava como forma de agradecimento pelo leite recebido. De início desconfiei. Mas também quem é que não desconfiava? Só fui acreditar quando Rosa Maria mostrou-me o leite que saía de um dos seus peitos e do outro não, que estava seco de tudo. Como isso era possível se ela não tinha emprenhado? Se nem tinha filho pequeno na idade de amamentar, como então podia isso acontecer? E como é que depois, o leite desaparecia do seu peito e só aparecia de novo depois que ela surgia com a carapinha alisada? No outro dia, o cabelo voltava ao que era antes, sem nem mesmo precisar molhá-lo. Dormia de cabelo liso, acordava com ele encarapinhado de novo, como se nada tivesse acontecido.

Não, eu nunca presenciei essa cena. Nem poderia presenciar. Poderia? Não. Se o Menino Jesus quisesse que eu visse, convidava-me. Se Rosa Maria quisesse que eu visse, convidava-me também. Se não me convidaram é porque não queriam que eu visse. É simples assim. Tenho muitos defeitos e quem não os têm, não é mesmo? Mas uma qualidade minha é o respeito. Não diria bem que é uma qualidade, mas uma obrigação. Sei respeitar as vontades, ainda mais as do Menino Jesus. Já ouvi muitas pessoas dizerem que se Rosa Maria fosse branca não seria ama de leite do Menino Jesus. Veja como são as pessoas. Toda ama de leite é preta? Toda ama de leite é uma cativa? As pessoas se acostumaram com isso. E esse é o problema. As pessoas se acostumam com uma coisa e não fazem mais nada para mudar de opinião. Sim, todo mundo sabe que é comum uma ama de leite preta. Nem é preciso eu falar sobre isso. Quantas mães brancas, sem leite para amamentar, não entregaram os seus filhos para as escravas, que já tinham os seus próprios filhos, para que essas os amamentassem? Mas agora eu lhe pergunto? Rosa Maria teve filho? Não, não teve. Como, então, explicar o leite que saía de seu peito? De um peito só, é mister que eu lhe diga. O outro, o outro peito era tão seco quanto um deserto sem oásis. Depois que o Menino Jesus ia embora, após ter penteado o cabelo dela, o peito de leite secava também. Aí está a prova de que Ele não escolheu Rosa Maria por ela ser preta. Quisesse Ele uma ama de leite de verdade, procurava uma que estivesse de barriga ou com filho recém-nascido, não é mesmo? Mas quem foi que Ele escolheu? Uma mulher que não tinha filho nem estava de barriga. Ele escolheu Rosa Maria simplesmente porque sabia

de sua santidade. Uma vez, uma das recolhidas do nosso convento me perguntou se eu acreditava mesmo que o Menino Jesus tinha Rosa Maria como sua ama de leite. Eu lhe disse que sim, que acreditava piamente. Então, ela quis saber se a Virgem Maria não tinha leite para dar de mamar ao seu Filho. Até então eu nunca tinha pensado nisso. Fiquei alguns minutos em silêncio. A recolhida não disse nada, apenas aguardava pela minha resposta. Eu disse a ela que o Menino Jesus era o Filho de Deus. E se Deus quis que Maria fosse a sua Mãe com toda certeza deu a Ela leite suficiente para que amamentasse o seu Filho. A Virgem Maria não entregou a ninguém o seu Filho para que desse leite a Ele. A recolhida não ficou satisfeita com a minha resposta e perguntou, então, por que Rosa Maria tornou-se sua ama de leite se Ele não precisava do leite dela. Eu respondi a ela que não era Ele quem precisava dela, mas era ela quem precisava Dele.

Capítulo II

Desculpe-me, acabei por não me apresentar. O meu nome é padre Francisco Gonçalves Lopes, mas todos me conhecem pela alcunha de padre Xota-Diabos. Desculpe-me também a falta de modéstia, mas fui o exorcista mais conhecido das Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Devido a essa minha fama, ganhei a alcunha de padre Xota-Diabos. Quanto a isso, já me acostumei. E até gosto de ser chamado dessa forma. Padre Xota-Diabos. Às vezes, até esqueço que o meu nome é Francisco. Fui vigário da freguesia de São Caetano, a poucas léguas da cidade de Mariana, e não havia energúmeno, fosse branco ou preto, que eu não enxotasse o demônio do seu corpo. Passei grande parte da minha vida exorcizando demônios de possessos. Daí a minha alcunha de padre Xota-Diabos. Como já lhe disse não me incomodo em ser tratado dessa maneira, de jeito nenhum. Esse era o meu ofício de sacerdote. Fui exorcista ou esconjurador se preferir, por longos anos. Digo que fui porque hoje estou terminantemente proibido de exercê-lo. A Igreja me proibiu. Eu, como muitos outros clérigos, era um presbítero secular do hábito de São Pedro. Portanto, vivia para ajudar os mais necessitados, principalmente os energúmenos, como já lhe disse anteriormente, que vinham

me procurar para exorcizá-los. Homens e mulheres. Jovens e crianças. Sim, até mesmo de crianças enxotei demônios. Deus me deu esse dom. O dom de enxotar demônios. E cumpri o que me foi designado por Ele com devoção. Hoje não passo de um velho padre de setenta e cinco anos, fraco e doente, pagando por crimes que eu mesmo jamais os cometi. Está vendo? Mal consigo andar. Mal consigo falar. Mas se tiver paciência, saberá de tudo. Hoje já não tenho mais medo de nada. Tudo o que quiser saber sobre Rosa Maria, saberá. Basta ter um pouco de paciência. Fui julgado pelo Santo Ofício e condenado a cinco anos de degredo no couto de homiziados de Castro Marim, no Algarve, um dos vários coutos em que são mandados criminosos de todos os tipos, os chamados aleivosos, tais como desertores e alcoviteiras, rufiões e barregãs, ladrões e assaltantes, sodomitas e bígamos, homicidas e hereges, no qual me enquadro nessa última categoria de aleivoso, a de hereges, condenado que fui pelos crimes de heresia, blasfêmia, embuste e feitiçaria. Nos três anos que permaneci no cárcere inquisitorial de Lisboa, ainda tive contato com Rosa Maria, minha protegida de anos. Fui o seu confessor, seu guia espiritual e também um de seus devotos mais fervorosos. Cheguei à prisão em 1763, um ano e meio após a prisão de Rosa Maria, acusada de ser minha cúmplice em embustes, bruxaria e feitiçaria. Não tenho vergonha nenhuma em dizer que fui um padre de pouca formação teológica. Sem o hábito da leitura, isso eu não posso negar, não adquiri a sapiência de padres e freis intelectuais, como o próprio frei José de Santa Rita Durão, que passou a vida inteira na Europa, convivendo com religiosos eruditos de Portugal, França, Espanha e Itália.

Não sei se é do seu conhecimento, mas até poeta ele era. Que eu saiba, publicou uma obra importante, de nome *Caramuru*, um poema épico seguindo o modelo do grande poeta Luís Vaz de Camões, autor d’*Os lusíadas*. Confesso que não li nem a um, nem a outro. Como disse, sou pouco dado a leituras pelo simples fato de não compreendê-las, ainda mais se tratando de poesias. Acho-as cansativas. Elas me fazem dormir. Talvez se as entendesse, não as acharia cansativas. O fato é que sou limitado intelectualmente como pode notar. Mas vivi o meu sacerdócio plenamente naquilo que me propus a realizar. Naquilo que Deus me confiou. Fui o padre Xota-Diabos mais importante que aquela terra de lá já conheceu. Das Minas Gerais e de todo o Rio de Janeiro. E tenho orgulho disso. Muitos energúmenos me procuravam, independentemente de raça, de classe social, de gênero. Não importava se preto ou branco, se rico ou pobre, se novo ou velho, o demônio era enxotado. Comigo ele não tinha chance alguma. Tornei-me o principal inimigo do Diabo. Ele corria da Cruz e de mim também. Por isso eu era chamado por gente de todo lugar. Ia de freguesia em freguesia, de vila em vila, de cidade em cidade enxotando o demônio, mandando-o de volta às profundezas do inferno porque lá que é o lugar de demônio. As pessoas me respeitavam por isso. E sabe por quê? Porque eu era o mais conhecido de todos os padres exorcistas das Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Nesse ponto sou repetitivo e não me canso de sê-lo. Peço que, quando for embora, espalhe entre os seus quem foi o padre Xota-Diabos. Mas só diga a verdade. Não diga nada além da verdade. O certo é que, se não tivessem tirado o meu direito pleno de exercê-lo, de

Capítulo XXVIII

Com a morte de Rosa Maria Egipciaca da Vera Cruz, a Igreja proibiu que se falasse no nome dela. Era como se ela nunca tivesse existido. A Igreja ameaçava punir com rigor quem tocasse no nome de Rosa Maria. As pessoas ficaram com medo. Mesmo as que tiveram um contato maior com ela. E ninguém mais falou. Ninguém mais falou daquela que amamentou o Menino Jesus. Daquela que foi a ama de leite do Menino Deus. O Único que conseguia pentear o seu cabelo encarapinhado.

Fim.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em abril de 2024.
